



ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese
as a second or foreign language*

O carnaval como objeto de
reflexão sobre brasilidades em
português como segunda língua
para estrangeiros no Brasil

Deise Dulce Barreto de Lemos

O CARNAVAL COMO OBJETO DE REFLEXÃO SOBRE BRASILIDADES EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA ESTRANGEIROS NO BRASIL

Deise Dulce Barreto de Lemos

deise.dulce@yahoo.com.br

Resumo

O presente estudo teve como objetivo estabelecer uma discussão acerca de um tema bastante presente no pensamento do estrangeiro sobre o Brasil: o carnaval. Ao trabalhar com o ensino de Português como Segunda Língua para Estrangeiros no Brasil, doravante PL2E, o professor se vê em um papel não somente de transmissor de um código linguístico, mas também de difusor das culturas e costumes locais, possibilitando ao aluno diferentes percepções. Atuo como professora de PL2E e aproveitei este contato com estrangeiros de diferentes nacionalidades para estabelecer um diálogo sobre a temática carnaval. Todavia, em vez de conduzir o debate, pedi que os estudantes, de diferentes idades e nacionalidades, fizessem perguntas de acordo com o seu interesse, o que gerou esta pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, cujo objetivo foi dissertar sobre esta festividade tão simbólica para a cultura brasileira, porém sob perspectiva do interesse dos estrangeiros. Como base teórica, segui os pressupostos de Michael Byram (2008) acerca de Interculturalidade, além das concepções sobre Identidade abordadas por Zygmunt Bauman (2005). Sergio Cabral (1996) é a principal referência para elucidar as questões sobre o carnaval.

Palavras-chave: Português como Segunda Língua para Estrangeiros no Brasil; interculturalidade; carnaval.

CARNIVAL AS AN OBJECT OF REFLECTION ON *BRAZILIANESS* IN PORTUGUESE AS A SECOND LANGUAGE IN BRAZIL

Abstract

The present research aims to establish a discussion about a very current theme in the thought of the foreigner about Brazil: the carnival. When working with the teaching of

Portuguese as a Second Language for Foreigners in Brazil, hereinafter PL2E, the teacher sees himself in a role not only as a transmitter of a linguistic code, but also as a diffuser of local cultures and customs, allowing the student different perceptions. I worked as a PL2E teacher and I took advantage of this contact with foreigners of different nationalities to establish a dialogue on the theme of carnival. However, instead of leading the debate, I asked the students of different ages and nationalities for making questions according to their interest, which generated this exploratory qualitative research which purpose was to lecture on this festivity as a symbol for the Brazilian culture, but under the perspective of the interest of foreigners. As a theoretical basis, I followed Michael Byram's (2008) assumptions about Interculturality, as well as the conceptions on Identity addressed by Zygmunt Bauman (2005). Sergio Cabral (1996) is the main reference to elucidate the questions about the carnival.

Keywords: Portuguese as a Second Language for Foreigners in Brazil; Interculturality; carnival.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de uma língua estrangeira implica em uma ação mais ampla do que a mera instrumentalização para a decodificação de uma mensagem. A língua pode ser entendida como veículo de uma ação social, cujo domínio depende tanto da compreensão das suas estruturas e base lexical, como da cultura em que está inserida e suas possibilidades de uso. Conceituada por Paraquett (2000, p. 118) como um “conjunto de tradições, de estilo de vida, de formas de pensar, sentir e atuar de um povo”, a cultura é um aspecto fundamental a ser considerado para a comunicação e para o aprendizado de uma língua estrangeira.

O presente estudo se propõe a discutir o ensino de Português como Segunda Língua para Estrangeiros no Brasil, doravante PL2E¹, e os desafios do papel de um professor na condição de difusor da cultura brasileira. Tendo em mente apenas um tema central – o carnaval –, optei por nortear esta discussão a partir de questionamentos sobre a festividade realizados por estudantes de PL2E de diferentes nacionalidades, os quais

¹ O termo Português como Segunda Língua para Estrangeiros no Brasil (PL2E) corresponde ao ensino de Português Língua Não Materna a aprendizes em situação de bilinguismo, criado na PUC-Rio, onde é adotado.

estavam no Brasil durante o inverno de 2018 e demonstraram interesse em obter informações sobre o evento. Esta investigação permitiu a realização de uma análise qualitativa, de cunho exploratório, cujo objetivo foi dissertar sobre o carnaval a partir dos elementos salientados pelo próprio estrangeiro, tomando ciência da sua perspectiva. A base teórica deste estudo parte dos pressupostos teóricos de Michael Byram (2008) sobre cultura e interculturalidade, e dos escritos de Sérgio Cabral (1996), jornalista brasileiro que dedicou anos de sua vida reunindo um compilado de informações sobre festas populares brasileiras tendo como centro de sua investigação o carnaval, de modo a reunir um acervo raro e rico sobre este tópico da cultura nacional. Para compreender a importância da abordagem dialógica, tendo em vista a valorização dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, tomo como base Zygmunt Bauman (2005), que reflete sobre a negociação de identidades.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Os pressupostos de Michael Byram (2008) me orientaram na busca por melhor compreender os conceitos em relação à interculturalidade. De acordo com o educador, o “falante intercultural” possui competências linguísticas e culturais que o colocam em uma posição privilegiada, com novas perspectivas sobre ele mesmo e sobre valores, crenças ou comportamentos. Em seu entendimento, é possível idealizar o planejamento do currículo de um curso de língua em forma de missões a fim de refletir e agir sobre o outro. Com este ideal em mente, os aprendizes seriam conduzidos pelas características específicas de uma determinada missão, indo além dos princípios de suas próprias culturas, cujo envolvimento se daria em uma atividade transnacional, efetuada em uma comunidade de mesmo perfil, como um membro possível de uma sociedade. Como consequência, há o direcionamento a uma reflexão tanto sobre sua própria sociedade como sobre o que se espera de seus cidadãos.

Com vistas a elucidar esta questão, Byram discorre sobre o que entende como princípios da educação cidadã intercultural:

- (a) A “experiência intercultural” acontece quando pessoas de grupos sociais diferentes, com diferentes valores, crenças e comportamentos se encontram.

- (b) Ser intercultural envolve análise e reflexão sobre a experiência intercultural, e ação sobre a reflexão.
- (c) A “experiência cidadã intercultural” ocorre quando pessoas de culturas e grupos sociais diferentes se engajam em atividades políticas e sociais [a experiência intercultural “democrática” ocorre quando pessoas de culturas e grupos sociais se engajam em diferentes atividades políticas ou sociais fundamentadas por práticas e valores “democráticos”].
- (d) A “educação intercultural cidadã” envolve: facilitar a experiência intercultural cidadã, além de análise e reflexão; criar no indivíduo aprendizagem / mudanças cognitivas, comportamentais e de atitude; mudança na autopercepção; mudanças no relacionamento com os outros (ou seja, pessoas de um grupo social diferente); mudanças baseadas no individual, porém relativas ao universal. (BYRAM, 2008, p. 206-207. Tradução da autora, doravante, t.a.).

Byram propõe a realização de uma orientação comparativa voltada a atividades de ensino e aprendizagem, somada a uma perspectiva crítica, ressaltando-se o objetivo de se tornar consciente ao atuar com alguém que faça parte de um grupo de cultura diferente, além da conscientização sobre suas múltiplas identidades. O autor enfatiza a consciência de compromisso com valores, rejeitando relativismo e tendo em mente que os valores são passíveis de entrar em conflito ou ser interpretados de formas diferentes. Todavia, frisa a importância do comportamento como cidadão em uma comunidade, a fim de encontrar um modo de cooperação com base no compartilhamento de objetivos e valores.

Faz-se necessário compreender as discussões em torno de “identidades” com vistas a dimensionar sua relevância para a atuação no ensino de PL2E. Bauman (2005) afirma que temos identidades no ar – algumas podemos escolher, já outras seriam lançadas pelas pessoas que nos cercam – reforçando a necessidade de estarmos permanentemente atentos para defender as identidades de nossa escolha em resposta às identidades atribuídas por outras pessoas. Considerando que existe grande probabilidade

de um desentendimento, esta negociação se mantém pendente, assim como o seu resultado.

O sociólogo entende que um sujeito alcança sua identidade por meio de esforço, por se trar de algo evasivo e escorregadio. Propõe também que a construção da identidade se dá ao partirmos do zero ou fazermos nossas escolhas, sendo necessário lutar para defendê-la, mesmo que vencer signifique suprimir e ocultar a verdade sobre a condição de precariedade e sua inconclusão.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Atuo como professora de PL2E em um curso situado em Ipanema, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. O curso conta com expatriados de diferentes países, em sua maioria adultos que estão no Brasil passando algumas semanas de férias, havendo ainda aqueles que aqui ficarão durante alguns meses por motivo de estudo ou trabalho. Tendo em vista que eu, na condição de nativa, e os expatriados possuímos diferentes conhecimentos, crenças e expectativas em torno do carnaval, optei por delinear uma explanação sobre este evento cultural a partir das dúvidas e expectativas dos próprios alunos. Para isto, pedi que escrevessem por email, ou em um papel, identificando-se ou não, quantas perguntas desejassem sobre a festividade. Suas questões poderiam contemplar dados específicos ou curiosidades pessoais sobre o evento. Como meu objetivo era conhecer e dissertar sobre os aspectos relevantes em torno da festividade, partindo da perspectiva do estrangeiro, os participantes que fizeram estas perguntas estavam cientes de que não obteriam a resposta naquele momento, mas possivelmente através da leitura posterior deste artigo.

Oito alunos, originários de diferentes países, participaram, produzindo um número total de 29 perguntas. Destas, quatro foram selecionadas para compor a presente dissertação. Como critério para a escolha das questões, foi considerado o teor social ou histórico da questão, assim como o que poderia estar mais relacionado às crenças ou à identidade brasileira.

4. ANÁLISE DE DADOS

As perguntas apresentadas pelos estrangeiros poderão ser observadas a seguir. Como nem todos os estudantes são fluentes em língua portuguesa, optei por fazer as

correções ortográficas necessárias, de modo a facilitar a leitura deste artigo. Os participantes estão identificados com nome fictício, idade e país de origem. Todos os questionamentos realizados estão listados na primeira seção². Na sequência, encontram-se as quatro perguntas selecionadas e suas elucidações.

Aluna 1: Gabriella, 29 anos, Inglaterra.

1. Quem participa do carnaval: pessoas ricas e jovens ou pessoas de qualquer classe?
2. É perigoso durante o carnaval para as mulheres?
3. O que as pessoas vestem?
4. Cada ano o desfile de carnaval tem um tema?

Aluna 2: Rabbia, 53 anos, Marrocos.

1. Qual é a origem do carnaval?
2. O que acontece durante o carnaval?
3. Quanto tempo dura o carnaval?
4. Eu posso participar do carnaval?
5. Há uma comida ou bebida especial para o carnaval?

Aluna 3: Sharon, 23 anos, Holanda.

1. Quanto tempo vocês ensaiam para desfilar?
2. É fácil desfilar em uma escola de samba?
3. Quem decide o tema do carnaval?

Aluna 4: Sophie, 27 anos, Estados Unidos.

1. Qual é a origem do carnaval?

Aluno 5: Carster, 26 anos, Alemanha.

1. Qual é a origem do carnaval?
2. Que outras cidades do Brasil, além do Rio, são famosas pelo carnaval?
3. As pessoas preparam o carnaval o ano todo?
4. Como a política influencia o carnaval?

² Para garantir perfeito entendimento dos leitores, eventuais incorreções de texto feitas pelos alunos foram aqui corrigidas.

5. Há uma estatística de que doenças sexualmente transmitidas aumentam durante o carnaval?

Aluna 6: Sissel, 49 anos, Noruega.

1. Qual é a origem do carnaval?
2. É possível uma nova escola de samba entrar a qualquer momento?
3. Qual é a principal motivação para vencer com uma escola de samba?

Aluno 7: Misha, 48 anos, Rússia.

1. Como é o carnaval na favela?
2. Como a tradição do carnaval mudou nos últimos 20 anos?

Aluno 8: Phillip, 26 anos, Canadá.

1. A que horas o carnaval começa?
2. Quais são os temas para cada carnaval? Como eles são decididos?
3. Qual é a origem do carnaval?
4. Quais são os itens essenciais para aproveitar o carnaval (exemplo: roupas)?
5. Quantas escolas de samba existem no Rio?
6. Além do Rio, onde são os melhores carnavais? Recife – Salvador – Natal – São Paulo?

Perguntas selecionadas e explicações

I. Qual é a origem do carnaval? (Sophie, 27 anos, Estados Unidos)

Esta pergunta parece relevante, pois foi feita por alguns dos participantes. Tenho como base a obra de Cabral (1996) para responder esta questão. Em 1763, o Rio de Janeiro se tornou capital do Brasil, que ainda era colônia de Portugal. Importante destino para brasileiros livres e escravos, além de africanos que chegavam diretamente de seus países, o Rio passou a centralizar a diversidade cultural do povo brasileiro. As novidades europeias também se concentravam na cidade, o que incluía a música, possibilitando que o território carioca fosse pioneiro em manifestações brasileiras de música urbana. Dessa forma, a Europa e a África tiveram influência decisiva para a formação cultural do Rio de Janeiro, o que particularmente se refletiu sobre os festejos

do carnaval. A principal contribuição veio de Portugal, com um folguedo chamado entrudo, o qual era bastante festejado, mas também combatido. Apesar de o governo muitas vezes ter proibido a sua realização, o entrudo fez parte da cultura local desde o século XVII até o início do século XX, consistindo em uma festa na qual os foliões atiravam líquidos de procedência duvidosa uns nos outros.

Naquela época, alguns festejos ocorriam concomitantemente. No fim do século XIX, o folião costumava brincar carnaval como “Zé Pereira”, nome dado aos que percorriam a cidade batendo tambores, produzindo um som altíssimo. Em 1840, houve o primeiro baile de máscaras, uma celebração à moda europeia da qual participavam os brancos que compunham a classe média emergente e a aristocracia. Este grupo também participou das sociedades, as quais consistiam em clubes que promoviam cortejos similares ao carnaval da Europa. Na primeira metade do século XIX, o carioca criou os populares cordões – agrupamentos de carnaval compostos tanto pela elite como por escravos. No fim do século XIX, uma nova forma de brincar carnaval surgiu no Rio de Janeiro – o rancho, que mais tarde se transformaria para resultar em escola de samba. Assim, o carnaval carioca seguiu se modificando e se consolidando, tendo em sua origem influências europeias e africanas, que se transformaram em solo carioca até se tornar a festividade celebrada nos dias de hoje.

II. Como a política influencia o carnaval? (Carsten, 26 anos, Alemanha)

Embora o carnaval seja comumente caracterizado como uma festa popular, os interesses políticos fazem parte da sua história. É interessante notar que muitos dos componentes de escolas de samba, foliões e não foliões, na atualidade, não notam isso. O amor incondicional pela cultura popular e pela sua própria escola de samba está acima dos aspectos que possam parecer questionáveis. Retomando brevemente a história, a década de 1920 foi marcada por conflitos envolvendo as camadas populares cariocas – claramente compostas por comunidades negras – e o Estado republicano. A união entre cortejos processuais, ranchos, blocos, cordões, sons das macumbas, batuques e sambas cariocas, somados aos interesses políticos e sociais, formariam as escolas de samba - entidades que buscavam legitimação e reconhecimento da cultura das comunidades negras do Rio de Janeiro no fim da década de 1920 (MUSSA E SIMAS, 2010).

Os concursos de carnaval tiveram início em 1929, porém em moldes distintos dos concursos atuais. A primeira disputa como cortejo ocorreu em 1932, idealizada pelo jornalista Mario Filho, contando com o patrocínio do jornal Mundo Esportivo. O poder público começou a dar ajuda financeira para os desfiles das escolas de samba a partir de 1933. Desde a década de 1920, as temáticas do carnaval já tendiam para o nacionalismo – um caminho mais fácil para a aceitação social. Em 1934, fundou-se a União das Escolas de Samba – entidade cujo objetivo era dar projeção às escolas, assumindo o compromisso de cultivar a música nacional e a essência da brasilidade. A proposta agradou ao prefeito da época – Pedro Ernesto –, que reconheceu a União das Escolas de Samba como entidade representante, prometendo-lhe auxílio financeiro. Havia aí interesses e benefícios recíprocos: enquanto as escolas buscavam apoio do poder público para obter reconhecimento, o governo traçava um caminho de controle e disciplina das camadas urbanas. Esta troca de benefícios se manteve ativa até os dias de hoje, com expressiva vantagem para a prefeitura do Rio, que passou a ter no carnaval um forte atrativo turístico.

Por razões aparentemente ideológicas, relacionadas à religiosidade, o atual prefeito do Rio de Janeiro – bispo (evangélico) Marcelo Crivella – faz um movimento contrário e perigoso, dificultando a realização do carnaval, inclusive impondo a redução do auxílio financeiro para as escolas. Esta atitude, recebida como antipática, gerou protestos durante o carnaval de 2018, comprometendo a imagem do político à frente da prefeitura. O embate instalado promete se repetir nos próximos anos, haja vista que o prefeito do Rio recebeu apoio dos presidentes das escolas de samba em sua candidatura para o cargo que ocupa, o que impulsionou sua candidatura para conquistar os votos dessa classe.

III. Como a tradição do carnaval mudou nos últimos 20 anos? (Misha, 48 anos, Rússia)

No carnaval, várias tradições são criadas e recriadas - vale lembrar que a tradição não é estática. Aqueles que fazem parte da produção do carnaval se veem em meio ao desafio de acompanhar as transformações da cidade, as transições sociais e as mudanças nas próprias instituições que gerenciam o carnaval, a exemplo da LIESA – Liga Independente das Escolas de Samba, fundada em 1984 para atender aos interesses das escolas da elite do carnaval carioca. Os sambódromos do Rio de Janeiro e de São Paulo se consolidaram como palcos desta festa nos anos 1990, recebendo desfiles

moldados como produto para a televisão e para o turismo. Nessa época, as festas de rua ainda não tinham grande popularidade e nem causavam tanta repercussão.

A partir dos anos 2000, os blocos de rua começaram a crescer, tornando-se uma opção de celebração mais acessível do que o próprio carnaval de avenida, que é mais caro e possui regras que exigem seriedade daqueles que desfilam. As ruas deram a liberdade para os componentes e simpatizantes de escolas de samba criarem a sua própria festa, ao seu molde, entre os seus amigos-foliões. Esta iniciativa democratizou os desfiles de carnaval, já que acompanhar uma escola de samba, seja pela arquibancada, seja desfilando na própria avenida, se tornou uma atividade restrita, em função dos altos valores e regras. Hoje a rua é para todos, enquanto a festa realizada no sambódromo é refém de sua própria grandiosidade.

O ano de 2018 foi marcante financeiramente para o carnaval da avenida. Os caros ingressos para o sambódromo não se esgotaram com a rapidez costumeira. As escolas de samba tiveram dificuldades para realizar uma apresentação luxuosa nesse carnaval, que ficou marcado como “o carnaval da crise”. Não é fácil para uma agremiação de elite desembolsar o valor necessário para manter o nível luxuoso da apresentação - cerca de oito milhões de reais - em tempos de recessão. Vale ressaltar que as pessoas apaixonadas pelas escolas de samba continuam fazendo sacrifícios, dedicando sua vida e seu trabalho para que a escola se mantenha firme em meio às dificuldades e possíveis descrenças. Essas pessoas, que fazem parte da escola como se fossem verdadeiras associadas e acompanham todas as atividades do calendário anual, participando tanto da sua produção como da sua exibição na avenida, compõem o que chamamos de “comunidade”³, considerada o coração da escola.

IV. Qual é a principal motivação para vencer com uma escola de samba? (Sissel, 49 anos, Noruega)

Uma escola de samba é composta por pessoas que desempenham diferentes papéis e estão ali por razões distintas. Dessa forma, uma vitória também terá diferentes impactos sobre esses componentes. Vale frisar que os papéis a seguir não são uma regra, mas há uma forte inclinação para que assim sejam desempenhados. Para alguns, a

³ O termo “comunidade” não possui ligação com o sentido de “favela”, conforme uso corrente. Comunidade, no contexto do carnaval, é o conjunto de pessoas que se dedicam à escola de samba, trabalhando na sua produção e apresentação mais correta possível, razão pela qual recebem as fantasias gratuitamente ou a preço de custo.

escola de samba é um grande negócio, uma oportunidade para ganhar dinheiro. É possível afirmar que alguns componentes deste grupo são os patrocinadores e uma parte dos dirigentes. A vitória pode representar elevados lucros e uma imagem positiva diante da comunidade, ou a reeleição para um cargo de poder, ou seja, a manutenção da posição elevada e lucrativa na hierarquia da escola.

Para a comunidade, a vitória é a realização de um sonho. As pessoas que pertencem à comunidade projetam um amor incondicional às suas escolas de samba, dedicando meses de ensaios longos e cansativos para fazer um desfile o mais correto possível. Componentes de escolas que não pertencem à elite do carnaval trabalham gratuitamente em sua produção. A vitória significa a realização de um sonho, especialmente para as comunidades das escolas que têm maiores dificuldades financeiras. O terceiro grupo que pode ser considerado neste tópico é o de profissionais contratados pela escola, tais como o carnavalesco⁴, o intérprete⁵ e o casal de mestre-sala e porta-bandeira⁶. Estes profissionais desenvolvem no carnaval a sua carreira artística. Logo, um campeonato significa a consagração e a consequente ascensão profissional.

CONCLUSÃO

O presente estudo reafirmou a importância de se realizar um ensino de PL2E cuja base seja dialógica, com o propósito de valorizar os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Este movimento viabiliza que a perspectiva linguística se pautar no âmbito cultural, de onde é indissociável. A dinâmica desenvolvida para escrever sobre aspectos concernentes ao carnaval brasileiro se mostrou valiosa por permitir que minha posição como educadora não fosse impositiva, percebendo os interesses do aluno, os quais muitas vezes podem ser encobertos pelo planejamento engessado das aulas tradicionais de língua portuguesa ou ainda pelo meu entendimento equivocado quanto aos interesses dos discentes.

4 Lopes e Simas (2015) discorrem sobre o termo “carnavalesco”: “Designa aquele que, na escola de samba, liderando uma equipe de trabalho, é geralmente o responsável pela execução do enredo [...]. Ao carnavalesco cabe a responsabilidade pela concretização da ideia em espetáculo visual.”

5 Chamado popularmente de “puxador”, o intérprete é “Nos desfiles das escolas, o cantor responsável pela interpretação do samba, imprimindo-lhe o andamento correto, para que os componentes acompanhem” (LOPES E SIMAS, 2015).

6 Segundo Lopes e Simas (2015) trata-se de um “Casal de dançarinos que na escola de samba é encarregado de conduzir o pavilhão que a simboliza”.

Em função de seu inevitável atravessamento, seria inviável preparar o estudante de uma língua estrangeira para um ato comunicativo tendo em vista somente o ensino do código linguístico. O carnaval brasileiro se mostrou um tema rico por proporcionar uma discussão que parte de um contexto histórico e social, até alcançar elementos concernentes à atualidade. Quanto à contribuição dos alunos para este estudo, chamou atenção a tentativa de compreender os elementos de teor histórico e social sobre a festa, além da busca por saber como aproveitá-la adequadamente. Dessa forma, sua curiosidade está direcionada também a compreender a formação do carnaval, os sujeitos que compõem a sua história e de que forma a população dela participa.

A produção deste artigo foi permeada por um processo de reflexão fundamental para a compreensão da importância do nosso papel enquanto professores de PL2E e difusores da cultura que representamos por meio de nosso discurso. Espero que as questões respondidas possam estimular o interesse dos docentes por conhecer um evento tão disseminado em sua própria cultura. Quanto aos discentes, desejo que essas primeiras respostas agucem sua curiosidade para que busquem mais informações sobre esta e outras festividades brasileiras. Quanto às questões ainda não respondidas, fica aqui a oportunidade para que colegas contribuam com debates e produções no futuro.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BYRAM, Michael. *From Foreign Language Education to Education for Intercultural Citizenship: Essays and Reflections*. Clevedon, UK. Multilingual Matters, 2008. (Tradução minha)

CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/liesa---liga-independente-das-escolas-de-samba-do-rj/dados-artisticos>>. Acesso em: 07 de jul de 2018.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. *Dicionário da História Social do Samba* [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antônio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

PARAQUETT, Márcia. Da abordagem estruturalista à comunicativa. In: TROUCHE e REIS (org.). *Hispanismo*. Brasília: Ministério da Educação, Cultura e Deporto, 2000, vol. 1.